

Carolina Maria de Jesus: três poemas vertidos para o inglês

Luísa Arantes Bahia¹

Larissa Silva Leitão Daroda²

Carolina Alves Magaldi³

Resumo: O presente artigo apresenta a versão comentada de três poemas de Carolina Maria de Jesus para a língua inglesa. Após uma breve biografia da autora, é apresentada a coletânea *Antologia pessoal* (1996), um conjunto de poemas selecionados pela própria escritora, que nutria o sonho de se tornar poeta. Em seguida, apresentamos uma discussão sobre a tradução de poesia segundo Britto (2012) e Faleiros (2012). Além disso, são delineados o projeto e o processo tradutórios, com destaques para os pontos de dificuldade e de atenção durante a versão dos poemas. As versões são apresentadas em paralelo com o texto fonte, sendo a primeira “Saudades de mãe” (*Longing for mom*); a segunda, “O exilado” (*The exiled*); e a terceira, “O lírio” (*The lily*). Os poemas apresentam intertextualidade com poetas românticos brasileiros e temáticas que variam do nacionalismo ao amor não correspondido. Carolina Maria de Jesus empregava um registro menos coloquial em sua poesia do que nos conhecidos diários, além de se inspirar em uma forma mais conservadora de escrita poética. Seus poemas são dignos de conquistar um maior alcance para minimizar a injustiça histórica que foi feita à autora ao lhe serem negados os direitos de publicação e de se tornar, para o público, a poeta que já se mostrava ser em seus cadernos particulares.

Palavras-chave: Carolina Maria de Jesus. Tradução de poesia. Versão para a língua inglesa.

-
- 1 Doutoranda do programa de pós graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras - UFJF. Mestre também pelo programa de pós graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras - UFJF. Graduada em Letras - Bacharelado Inglês pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Graduada em Letras - Licenciatura Inglês pela UFJF. Membro do Grupo Prisma de tradução da Faculdade de Letras. Aluna de Letras - Bacharelado Espanhol na Universidade Federal de Juiz de Fora.
 - 2 Graduada em Letras - Bacharelado Tradução Inglês-Português pela UFJF. Doutoranda em Letras - Estudos literários pela UFJF. Bolsista PDSE/CAPEAS.
 - 3 Professora efetiva da Universidade Federal de Juiz de Fora nos campos de língua inglesa, tradução e estudos literários. Licenciada em Língua Portuguesa, Língua Inglesa e Língua Italiana e respectivas literaturas, todas pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Possui, ainda, pós graduação em Globalização, Mídia e Cidadania, Mestrado em Letras e Doutorado em Letras - área de concentração Estudos Literários, igualmente pela UFJF. Coordena o grupo de pesquisa Prisma - Interculturalidade e tradução. É membro do corpo docente do PPG em Letras - Estudos Literários, integrando a equipe de tradução e criação literária, e do Programa de Pós-graduação em Gestão e Avaliação da Educação Pública, ambos da UFJF, lidando com políticas de letramento, ensino bilíngue e políticas para ensino superior.

Introdução

A escritora e poeta Carolina Maria de Jesus teve uma vida de dificuldade que não a impediram, porém, de publicar seus diários com grande sucesso de público, na década de 1960, tendo sido traduzidos e distribuídos em diversas partes do mundo. O sucesso de *Quarto de Despejo* (1960) motivou o interesse de editoras estrangeiras por traduções do livro, inicialmente na Dinamarca, Holanda e Argentina. Apenas um ano após o lançamento no Brasil, a autora já rivalizava com Jorge Amado pelo posto de autor(a) brasileiro(a) mais traduzido(a) (LEVINE, 1994). Ao todo, a primeira obra de Carolina foi traduzida, até o momento, para 16 línguas em 40 países, e tornou-se um dos livros brasileiros mais conhecidos no exterior. Tal sucesso não foi repetido pela segunda obra, *Casa de Alvenaria* (1961), que apenas teve traduções para as línguas alemã, espanhola, francesa e inglesa (BAHIA, 2022).

Seus poemas não receberam a mesma atenção do mercado editorial e permaneceram relativamente desconhecidos até sua publicação póstuma, em 1996. A partir da edição brasileira da *Antologia pessoal*, abriram-se as portas para a tradução e a versão dos poemas de Carolina para línguas estrangeiras.

Os objetivos desta pesquisa são realizar a versão comentada de três poemas de Carolina Maria de Jesus para a língua inglesa, permitindo ao leitor um vislumbre do processo tradutório, e viabilizar a divulgação da parte menos conhecida da obra da escritora, que são seus escritos poéticos.

O artigo é dividido em três partes: a primeira sendo a introdução e contextualização biográfica da autora e da obra a ser vertida para o inglês. Em seguida, serão feitas considerações não só acerca do processo de tradução de poesia com base, principalmente, em Britto (2012), mas será analisado também o projeto tradutório que fundamenta as versões para o inglês dos poemas selecionados de Carolina Maria de Jesus. Por

fim, as versões dos poemas “Saudades de mãe”, “O exilado” e “O lírio” são detalhadas antes de serem tecidas as considerações finais.

Carolina Maria de Jesus

Carolina Maria de Jesus, também conhecida como Bitita, nasceu em 14 de março de 1914, na cidade de Sacramento (Minas Gerais). Era filha de João Cândido e de Dona Maria Carolina de Jesus, mas não chegou a conhecer o pai, que tinha fama de “poeta boêmio” e “encantador de mulheres”.⁴ Por intermédio dos patrões de sua mãe, Carolina conseguiu estudar no Colégio Allan Kardec, o melhor da região. Em um ambiente de salas mistas, negros e brancos, pobres e ricos, Carolina enfrentou muito preconceito, teve muita dificuldade para aprender a ler e demorou a se encaixar na escola. Passado um tempo, tornou-se uma aluna estudiosa e disciplinada; apaixonou-se pelos estudos e pelos livros.

Em 1923, aos nove anos de idade, apenas dois anos após a sua entrada para o colégio, Dona Maria Carolina teve de deixar a cidade de Sacramento para aceitar um trabalho e levou a filha, que, por isso, precisou abandonar a escola.

Carolina passou por diversas cidades buscando emprego e uma melhor condição de vida, mas seu sonho sempre foi morar em São Paulo. Assim, quando conseguiu um emprego para trabalhar na casa de um casal na cidade, aceitou prontamente, pois ela acreditava que lá conseguiria se estabelecer e ter uma condição de vida melhor. Chegou a São Paulo, no ano de 1937, aos 22 anos. Ficou pouco tempo trabalhando com o casal que a levou para a cidade, pois queria viver de poesia. Assim como nas outras cidades, ela passou por vários empregos e, dificilmente, conseguia

4 Os dados biográficos da autora foram retirados da sua biografia: FARIAS, Tom. *Carolina: uma biografia*. Rio de Janeiro: Malé, 2017.

estabelecer-se.

Carolina teve três filhos: João José, José Carlos e Vera Eunice. Devido à especulação imobiliária e à precária condição de vida, ela e os filhos foram morar em um barraco na Favela do Canindé. Ela trabalhava como catadora de papel, ferro e outros materiais para que, com o dinheiro, pudesse sustentar seus filhos. Durante seus dias no local, Carolina mantinha um diário, feito com papéis encontrados no lixo, nos quais contava seu dia a dia na favela.

Ao ser designado para fazer uma matéria no local, Audálio Dantas conhece Carolina e seus diários. O jornalista começa, então, o processo de transcrever as partes selecionadas para transformá-las no livro que seria seu maior sucesso, *Quarto de despejo*: diário de uma favelada. A obra foi produzida pela Livraria Francisco Alves e lançada em 1960. No primeiro dia de autógrafos, Carolina vendeu quase 800 exemplares e, uma semana após o lançamento, já haviam sido vendidos 10 mil livros, ficando em primeiro lugar no *ranking* dos livros mais vendidos no momento pela *Folha de S. Paulo*.

Com o sucesso da obra, começaram a ser feitas traduções. Apenas no exterior, estima-se que mais de um milhão de cópias foram vendidas. Devido à grande procura, muitos países, como França (1962 e 1965), Inglaterra (1962 e 1964), Japão (1962 e 1964) e Cuba (1965 e 1989), tiveram que fazer mais de uma edição da obra. A Alemanha, por exemplo, teve um total de sete edições. Segundo Levine (1994), tal sucesso fez com que, dentro de um ano, Carolina já estivesse competindo com Jorge Amado como o(a) autor(a) brasileiro(a) mais amplamente traduzido(a). A autora foi destaque nos jornais *The New York Times*, *The Herald Tribune* e *Chicago Daily Defender* e na revista *Time*. Apareceu também em publicações internacionais da *Clarín*, *Le Monde*, *Frankfurter Rundschau* e *Deutsches Allgemeines*. Conforme comprovado por Bahia (2022), *Quarto de despejo* foi traduzido para 16 línguas e circulou em 40 países, incluindo a antiga

União Soviética, tornando-se um dos livros brasileiros mais conhecidos no exterior.

Com o grande sucesso da obra, Carolina conseguiu sair da favela e publicou, ainda, outros livros que tiveram menos sucesso: *Casa de alvenaria*: diário de uma ex-favelada (1961), também traduzido para quatro línguas (alemão, espanhol, francês e inglês), *Pedaços da fome* (1963), *Provérbios* (1965). Em 1977, Carolina morreu devido a uma crise de bronquite asmática e insuficiência respiratória crônica, aos 62 anos de idade. Após sua morte, algumas de suas obras foram publicadas, entre elas: *Diário de Bitita* (1986), *Meu estranho diário* (1996), *Antologia pessoal* (1996), *Onde estaes felicidade?* (2014), *Meu sonho é escrever: contos inéditos e outros escritos* (2018), *Clíris: poemas recolhidos* (2019).

Entre as obras póstumas de Carolina Maria de Jesus, selecionamos poemas da *Antologia Pessoal* para a versão para a língua inglesa, uma vez que a obra poética da autora é a menos conhecida, tanto no Brasil quanto no exterior.

Carolina poeta: a *Antologia pessoal*

Antologia pessoal é uma coletânea de poemas publicada, em 1996, pela editora da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a curadoria de José Carlos Sebe Bom Meihy – cada uma dessas informações é relevante na análise da obra a ser vertida.

Em primeiro lugar, o compilado de poemas foi publicado 19 anos após a morte de Carolina, ainda que tenham sido selecionados pela própria autora nos últimos anos de sua vida, entre as 4.000 páginas escritas pela profícua escritora (MEIHY, 1996). Em segundo lugar, a chancela acadêmica da UFRJ busca reparar uma injustiça histórica que impregnou a recepção e a distribuição de toda a obra de Carolina (LAJOLO, 1996, p. 41).

A apreciação dessa obra poética deve ser adequadamente contextualizada. Carolina Maria de Jesus escreveu no período compreendido entre duas ditaduras, a de 1930, que só teve fim em 1945, e a de 1964, cujo fim a autora não vivenciou, o que explica algumas de suas opções temáticas, como o nacionalismo e a adversidade. Carolina fazia parte do grupo de excluídos do “*desenvolvimentismo* juscelinista” (MEIHY, 1996, p. 9, grifo do autor).

Por ser mulher pobre, preta e mãe solteira, teria sido excluída de todos os meios literários de relevo. Mesmo sendo considerada uma “voz desafinada na ladainha de nossas trajetórias oficializadas” (MEIHY, 1996, p. 7), ela foi apresentada ao mercado literário pelo jornalista – homem e branco – Audálio Dantas, cujo grau de participação na editoria da obra de Carolina é motivo de discórdia entre os críticos da escritora, pois alguns defendem que os escritos foram produzidos por Dantas, a fim de constituir um fenômeno vindo de classes populares (MEIHY, 1996, p. 13). Para esses críticos, ela teria existido como exceção cultural, uma novidade feita para aquele momento de rápido crescimento do mercado consumidor de livros (MEIHY, 1996, p. 11).

Argumentam alguns que os poemas de Carolina Maria de Jesus carecem de relevância estilística e de qualidade literária. Cavalcante, nesse sentido, afirma que

O Antologia, era composto de poemas de variados momentos de sua vida, também escritos em cadernos usados achados no lixo. Sua poesia era composta de rimas pobres, de baixa qualidade estilística. Considerando as circunstâncias, as limitações socialmente impostas, seu texto foi inédito à época e deve ser observado como um código expressivo próprio de Carolina (CAVALCANTE, 2018, n.p.).

No entanto, como a mesma autora introduz acima, a obra precisa ser examinada e fruída dentro de sua estrutura circunstancial e de suas

características expressivas próprias, pois seu grande valor se concentra na qualidade social da mensagem, ainda que não se restrinja a ela (MEIHY, 1996, p. 10). Sua vasta gama de escritos (contos, poemas, diários) reflete a documentação de uma experiência de vida que, até então, não tinha sido certificada como biográfica por escritores – os relatos eram, em sua maioria, observacionais. A produção literária da autora apontava diferenças entre o progresso anunciado e a vida das pessoas, servindo como mecanismo de denúncia aceito e incorporado pela classe média (MEIHY, 1996, p. 12).

Essa mesma classe média que devorou *Quarto de despejo* era a aspiração de pertencimento de Carolina Maria de Jesus e a acompanhou desde quando saiu de Sacramento (MEIHY, 1996, p. 13). A escritora foi marcada pela imprensa como a contradição entre o desenvolvimento econômico nacional e os problemas da marginalização; conforme compreendemos da análise de Meihy (1996, p. 15), os verbos auxiliares do movimento progressista brasileiro foram conjugados com as mágoas de não compreender uma mulher preta e pobre como escritora.

O contraste refletia-se na maneira de Carolina escrever, dividindo-se entre um romantismo pessoal e um extremo socializante (MEIHY, 1996, p. 22) e seu “eu poético” hesitava entre representar a si mesmo e ao universalismo. Afirmar que o mérito da poesia de Carolina reside no fato de ela retratar a miséria é uma atitude reducionista em face dos efeitos que a complexidade da vida social e pessoal imprimiam sobre seu estilo de escrita.

A obra de Carolina Maria de Jesus apresentava uma complexa polifonia – por meio dela, expressavam-se vozes da África, da pobreza, do abandono, dos sonhos e planos, do protesto, da denúncia. Apesar de representar nos textos toda a sua força pessoal, retirou-se a uma posição “afônica” (LAJOLO, 1996, p. 46), nas decisões editoriais relacionados com sua obra, como demonstra uma carta ao seu advogado, instituído por ela mais como tutor do que mediador de suas negociações (LAJOLO,

1996, p. 45-46).

Marisa Lajolo (1996, p. 39) atribui o sucesso editorial de *Quarto de despejo* a um “voyeurismo impune por sobre cenas de pobreza explícitas”. Era cômodo para a classe média e para a comunidade leitora internacional espreitar a vida dos miseráveis sem o envolvimento de visitar uma favela que, em sua escrita, não era a favela “cartão-postal” cantada pela música popular brasileira. Seus versos foram tecidos com o cotidiano, ao mesmo tempo lírico, realista, estereotipado e desalentado (LAJOLO, 1996, p. 47).

Sua temática era caracterizada por relatos pessoais, histórias de encontros e desencontros com marcações dêiticas, mas também marcada pelo jargão econômico, por alguns poemas de admiração e lisonja a personalidades, pelo papel das mulheres na sociedade e pelo retrato da dura vida do trabalhador. Essa temática era expressa em rimas pobres, estrofação irregular e senso de musicalidade (LAJOLO, 1996, p. 49), mas era muito rica na essência do que representava.

Em diversos momentos, Carolina deixava transparecer, de forma mais explícita ou mais disfarçada, a intertextualidade com os poetas que detinham sua admiração e lhe serviam de referência, como Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias. O primeiro, citado por Carolina em seu texto “Minha Vida” (MEIHY; LEVINE, 1994) como um dos primeiros livros de poesia que leu. Por ele, deixou-se influenciar quanto à temática das saudades da infância dos “oito anos” do poeta romântico. Além disso, a forma também a deve ter encantado, visto que, em diversos escritos, tenta se inserir nos rígidos pressupostos acadêmicos formais e consultava palavras avulsas no dicionário (LAJOLO, 1996, p. 51-53), o que destoava de sua fala simples.

Contudo, os leitores brasileiros das décadas de 1950-60 já queriam romper com a tradição e não queriam dela uma imitação. Assim, apesar das inúmeras tentativas de publicação de seus poemas em vida, eles não foram aceitos pelas editoras, e foi adiado seu sonho primeiro de ser publicada

como poeta. Seu saber, feito de experiências, sua visão conservadora do mundo – não queria mudar a realidade, só pertencer a ela? – e a infração involuntária da norma culta, usando esporadicamente palavras da classe dominante, tornaram sua poesia mais distante da aceitação.

Os versos, “poética e politicamente incorretíssimos” (LAJOLO, 1996, p. 58), representavam clichês como o machismo, apresentando um ponto de vista ambíguo quanto ao papel das mulheres na sociedade. Pode-se, no entanto, questionar se seria um reforço ou uma denúncia das práticas machistas presentes na sociedade brasileira de então. Reduzir sua obra poética a uma “extração parnasiana de feição conservadora” (LAJOLO, 1996, p. 58) parece-nos uma visão atual e superficial que desconsidera seu contexto sociocultural; os leitores que interpretam sua obra na conjuntura da época de sua escrita podem facilmente enxergar os poemas como parte de um processo de formação de uma autora pessoalmente complexa que se expressava em linhas simples.

A obra de Carolina consegue ser mapeada em virtude de a autora ter tido zelo na conservação de seus manuscritos, o que nos permite empreender esforços de crítica genética para acompanhar seu modo de pensar ao escrever os poemas. Entretanto, além de crítica genética e literária, seus escritos merecem uma crítica antropológica e sociológica, por representarem tão claramente sua percepção das questões sociais em que estava estabelecida.

Seus grandes méritos são a representação de uma cidadania dilacerada e a textualização dessa cultura que raramente chega ao livro impresso (LAJOLO, 1996, p. 59), pois apresenta as “letras vistas a partir do quarto dos fundos” (LAJOLO, 1996, p. 59). O desafio que nós, leitores, devemos empreender, é desenvolver olhos e ouvidos necessários para apreender a mensagem no contexto e aprender com a mulher preta e pobre que buscava pertencimento e respeito, destruindo as barreiras com a literatura (LAJOLO, 1996, p. 60).

Mesmo tendo experimentado um expressivo e fugaz sucesso, a escritora optou, ao fim da vida, por isolar-se em sua única aquisição imobiliária, uma propriedade rural que testemunhou o retorno de seus dias de lavradora (MEIHY, 1996). Terminou pobre e sozinha, (ou reclusa), por ter, mais uma vez, decepcionado-se – a decepção tornou-se a toada triste que permeou toda a sua existência.

Este póstumo, porém, legítimo, início de ajuste de contas apresenta a versão para o inglês de três poemas incluídos por Carolina Maria de Jesus na *Antologia pessoal* (“Saudades de mãe”, “O exilado” e “O lírio”), considerada por ela como o início de sua carreira de poeta, mal sabendo que a publicação da Antologia lhe permitiria alcançar seu lugar de direito, ainda que tímido, no cânone da literatura popular brasileira (leia-se feita *pelo* povo brasileiro).

A justificativa para a seleção dos três poemas reside no fato de termos buscado três temáticas diferentes, mas que se repetem com frequência durante o livro. “Saudade de mãe” traz a temática da infância e da nostalgia. Os poemas com a figura da mãe como protagonista são recorrentes em *Antologia Pessoal*. Já em “O exílio”, a autora traz o tema do nacionalismo, que foge muito da temática dos diários, mas é bem recorrente dentro dos poemas, mostrando uma Carolina leitora de Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu. “O lírio” trata do amor, temática recorrente na obra como um todo.

A tradução de poesia

A tradução de poesia no Brasil iniciou-se com Gregório de Mattos, com base nas paráfrases de Góngora e de Quevedo e, também, com os poetas românticos, porém de uma forma mais estruturada. Essas práticas não foram complementadas com a teoria, que começou a desenvolver-se na década de 1960, com os irmãos Haroldo de Campos e Augusto de Campos

e sua teoria da transcrição (FALEIROS, 2012, p. 19). Assim, segundo John Milton, os irmãos Campos foram agentes da primeira escola de tradução literária no Brasil (MILTON, 1996, p. 196-207).

A partir dos anos de 1980, desponta um grupo de críticos e tradutores com uma nova abordagem teórica intitulada por Faleiros (2012) de “semiótica e textual”. Nela, sugere-se uma constância entre o sentido, a forma e os aspectos retóricos do texto literário. Ainda segundo o autor (FALEIROS, 2012, p. 31), entre esses teóricos, encontram-se Mário Laranjeira, o qual propõe a noção de significância; Paulo Vizioli, a ideia de recriação; e Paulo Henriques Britto, o conceito de correspondência. Na contemporaneidade, os Estudos da Tradução vêm desenvolvendo-se cada vez mais; com a peculiaridade de que, quanto à tradução poética, há uma ampla discussão no campo teórico. O interesse, porém, não condiz com o número, ainda reduzido, de traduções de poesia já produzidas. (BRITTO, 2012, p. 119).

Segundo Britto (2012, p. 49), a tradução literária não é reduzida a transpor os significados das palavras de uma língua para outra, mas é necessário que se analise a sintaxe, o vocabulário, o grau de formalidade e as conotações. Além disso, em relação ao texto poético, podem ter um grau de importância igual ou maior o som das palavras, a quantidade de sílabas, o arranjo dos acentos, o posicionamento das vogais e das consoantes, além da posição gráfica no papel.

O tradutor de poesia terá o trabalho de assimilar as características relevantes da poesia, para, posteriormente, apresentar aquelas consideradas por ele como fundamentais. Segundo Britto (2012), não há a necessidade de produzir um texto, ou, nesse caso, um poema, com as mesmas informações do original, mas “trata-se, sim, de produzir um texto que provoque no leitor um efeito de literariedade – um efeito estético, portanto – de tal modo análogo ao produzido pelo original que o leitor da tradução possa afirmar, sem mentir, que leu o original.” (BRITTO, 2012, p.50). Com relação ao

conceito de fidelidade, o autor comenta que:

Ora, sabemos que um texto produzido num idioma não pode ser recriado com exatidão num idioma estrangeiro; quanto a esse ponto, todos estamos de acordo. A questão que quero reiterar é que isso não deve ser visto como um argumento para que descartemos a meta de fidelidade ao original. Se a fidelidade absoluta, integral, perfeita é uma meta inatingível, nem por isso vamos abrir mão dela como orientação. (BRITTO, 2012, p. 50).

Concerne ao tradutor, então, em princípio, propor uma análise detalhada do texto de partida, determinando os elementos mais relevantes que serão priorizados em detrimento daqueles que não são passíveis de reconstrução. Com base nisso, o tradutor pode empenhar-se em produzir um texto contendo tais características (BRITTO, 2012, p. 50).

John Keene, escritor e tradutor estadunidense, em seu ensaio *Translating Poetry, Translating Blackness* (2016), afirma que os desafios para a tradução de poesia envolvem não só as ressonâncias intrínsecas da língua e a capacidade da ambiguidade semântica e da polissemia, como também as ressonâncias culturais, o que torna a tradução de poesia um desafio ainda mais difícil, mas mais agradável (KEENE, 2016). A tradução de poesia pode ser, portanto, além de um desafio, um projeto de interesse pessoal.

Para realizar a versão dos poemas apresentados neste artigo, foi delineado um projeto de versão com vistas a determinar quais características dos poemas e da escrita da autora deveriam ser priorizadas e quais dificuldades seriam antecipadas no processo de versão dos poemas para a língua inglesa. Esse projeto será examinado na seção que se segue.

Carolina em inglês: o projeto e o processo de versão

Conforme visto na seção anterior, a tradução (ou a versão) de poesia é um desafio, pois requer a consideração de diversos fatores a serem analisados antes da transposição linguística, além daqueles que estão tradicionalmente presentes na tradução literária em prosa, como a biografia do autor e o contexto de produção e de tradução da obra.

Na versão de poesia, a métrica, a rima e a disposição espacial dos versos ocupam um papel relevante no projeto de versão, não só pela busca de fazer a tradução a mais parecida possível com o original, como também pelas limitações da transposição linguística em si, que evidencia ainda mais as diferenças de comprimento e estrutura de sentenças quando as línguas se distanciam. No caso dos poemas em análise neste trabalho, a versão para a língua inglesa impõe restrições principalmente de ordem de elementos na sentença e na busca de rimas adequadas.

O *skopos*⁵ deste projeto é sabidamente diferente daquele em que a obra foi escrita e do outro em que publicada. Quando foi escrita por Carolina, havia pretensão de publicação, mas não houve público-alvo de interesse editorial para ser divulgado, mesmo depois a coletânea ser selecionada pessoalmente pela escritora, e quando ela já gozava de certo reconhecimento nacional e internacional. Quando foi publicada, em 1996, recebeu a chancela acadêmica que direcionou sua finalidade e seu público-alvo para leitores que, de modo geral, já conheciam o trabalho e desejavam conhecer um outro lado da escritora.

Agora, vertida para o inglês, propõe-se que tal projeto ajude a obra poética de Carolina a ser divulgada entre leitores anglófonos e aqueles que usam o inglês como língua franca para conhecer autores periféricos

5 A teoria do *skopos* vê a tradução como uma atividade intencional dentro da mediação entre membros de diferentes comunidades culturais. Assim, a tradução tem um propósito dentro do público-alvo a que se destina (REISS; VERMEER, 2014).

ao cânone literário mundial. Ademais, para aqueles que a conheceram na segunda metade do século XX, com base em traduções apressadas e com desvios importantes do texto fonte (BAHIA, 2022), este trabalho pode significar uma nova oportunidade de se conhecer e de se discutir a tradução da obra de Carolina no âmbito da academia e da formação de tradutores.

Outro aspecto a ser considerado, na tradução da poesia de Carolina Maria de Jesus, é a versão ou tradução para o inglês de textos de escritores pretos. Keene (2016) aborda essa questão e destaca o considerável *corpus* de escritores da Diáspora Negra não disponíveis em inglês, o que configura um problema a ser corrigido pelos tradutores, para se obter um conhecimento mais vasto e profundo das características em comum e das diferenças presentes na Diáspora Negra (KEENE, 2016).

A escrita poética de Carolina Maria de Jesus é eclética. Em alguns poemas, a autora usa rimas pobres e linguagem simples; em outros, como já mencionado, houve o empenho pessoal da autora em usar palavras e estruturas de registro formal – especialmente nos poemas que demonstram uma flagrante intertextualidade com poetas românticos, como no primeiro poema aqui abordado, “Saudades de mãe”:

Quadro 1: versão do poema “Saudades de mãe” para o inglês

SAUDADES DE MÃE	LONGING FOR MOM
<p>Oh! meu Deus quantas saudades Da minha infância ridente Não conhecia a degradingolada Que atinge a vida da gente Era criança não pensava Que existia o sofrimento Os brinquedos me fascinavam A todos os momentos.</p>	<p>Oh God! how I miss it all My joyful childhood Wouldn't know the fall That affects livelihood As a child I didn't realize That there was misery Toys fascinated me For eternity</p>

Quando a aurora despontava Eu rodava meu pião... Aos meus colegas eu contava Estórias de assombração.	When dawn broke My top I set spinning... To my friends I spoke Stories so frightening
Hoje, é bem triste a minha vida Porque não vivo contente Estou distante esquecida Longe dos meus parentes. Um dia deixei minha terra Minha mãe e meu irmão. Mas, não sabia que era Eterna separação.	Today my life is dismal Because I don't live cheerfully I'm far and forgotten by all Away from my family One day I left my land Mother and brother so loving But I didn't know in the end Separation would be lasting

Fonte: elaborado pelas autoras (2022),
com base em Jesus (1996, p. 81-82).

No poema do Quadro 1, Carolina busca inspiração em “Meus oito anos”, publicado em 1859, por Casimiro de Abreu, e relata saudades de sua própria infância, antes da mudança de Minas Gerais para São Paulo. Ainda que tenha vivido uma infância pobre, quicá miserável, as saudades desse tempo são marcantes em seus poemas e conservam espaço para brincadeiras como rodar pião e contar histórias. As saudades da mãe e do irmão perduram até a idade adulta, e ela mantém as doces recordações, apesar do sofrimento e da vida difícil tão bem relatados em seus diários.

Em termos de forma, o poema possui versos e estrofes livres, com algumas rimas alternadas no esquema ABCB/DEDE/DFDF, que buscamos reproduzir na versão para o inglês. Nesse poema, a perfeição da rima e da métrica não eram as prioridades da autora, o que não necessariamente indica uma falta de preocupação nesse sentido. A maior dificuldade do processo tradutório se mostrou no esforço por encontrar a rima e, ao mesmo tempo, manter a marcante emoção do último verso.

Ainda na esteira da influência dos autores românticos, Carolina escolhe Gonçalves Dias para homenagear no poema “O exilado”:

Quadro 2: versão do poema «O exilado» para o inglês

O EXILADO	THE EXILED
Eu não esqueço aquele dia: A vez primeira que li Era uma linda poesia E a emoção que senti	A day lives in my memory When I read for the first time Such a beautiful piece of poetry And the emotion of mine
O meu autor predileto O imortal Gonçalves Dias Eu lia com muito afeto Os seus livros de poesias	My favorite author among all I read with great affection Gonçalves Dias, the immortal In this poetry collection
Pobre poeta exilado Na terra que não é sua Sente saudades dos prados Das nossas noites de lua.	Poor exiled poet In the land he doesn't know Our meadows he covets On the nights of moon glow
Minha terra tem brilhante Nosso céu é cor de anil O poeta lá mui distante Tem saudades do Brasil.	My land has gemstone Our sky is blue as beryl The poet's distance is long He's homesick from Brazil.
O que fez o Gonçalves Dias? Para ser um exilado? Será que escrever poesias É pecado?	What has Gonçalves Dias done? For exiled he has been? Is writing a poetry, any one, A sin?

Fonte: elaborado pelas autoras (2022),
com base em Jesus (1996, p. 160).

No poema anterior, Carolina mescla três temáticas que compartilha com o próprio homenageado: o *nacionalismo* descrito em “Canção do Exílio” por Gonçalves Dias, as *saudades* dos prados cantadas pelo poeta, com a qual a autora certamente se identificava, na forma de saudades da casa em Minas, e o fato de ambos serem *poetas*, pois, ainda que Carolina não fosse reconhecida pelo público como autora de poemas, ela se sentia assim e escrevia sobre o tema em seus cadernos.

O poema “O exilado” apresenta, na forma de quadras, versos

livres e rimas alternadas no esquema ABAB/CD/EFEE, uma paráfrase à “Canção do Exílio”, especialmente na quarta e penúltima estrofe. Tal poema já foi traduzido como “The song of exile”, o que acrescenta importância à escolha do título na versão aqui realizada. Os pontos sensíveis ao versar esse poema foi, primeiramente, a repetição da palavra “saudades” que, na versão para o inglês requer uma paráfrase ou uma transposição de categoria gramatical, procedimentos que tendem a alongar o texto. Em um texto em prosa, não haveria maior problema; porém, na poesia, compromete a métrica e dificulta a rima. No caso em análise, optamos por utilizar “he covets” e “he is homesick”.

O segundo ponto de atenção foi a descrição do tom de azul “anil”, que requereu um acréscimo comparativo com o mineral precioso berílio, o qual possui tonalidades entre o verde e o azul. A escolha da comparação com a pedra preciosa se deu pela menção ao brilhante no primeiro verso da estrofe original.

Mais uma vez, o último verso é de maior destaque e força, pois a comparação da escrita de poemas com o pecado serve para questionar o exílio de Gonçalves Dias e a falta de abertura das editoras para a publicação dos poemas de Carolina, conforme ela mesma relata em seu poema “Quadros”:

Eu disse: o meu sonho é escrever!
Responde o branco: ela é louca.
O que as negras devem fazer...
É ir pro tanque lavar roupa. (JESUS, 1996, p. 201).

O último poema vertido nesta pesquisa foi “O lírio”, que trabalha a temática do amor e da necessidade da presença de um homem para que a vida faça sentido. O poema e sua versão são apresentados no Quadro 3:

Quadro 3: versão do poema “O lírio” para o inglês

O LÍRIO	THE LILY
O lírio branco é pureza Que beleza! É o adorno da campina, Sua ramagem estendida É refletida Sobre a água cristalina.	The white lily is purity What a beauty! Adorn to the lea is the flower, Its branches, spread Are reflected On the crystal clear water
De manhã as mariposas No lírio pousam Aspirando o seu olhar, Amam com muitas ternuras Trocam juras De fidelidades e amores.	In the morning the moths on the lily land Breathing in your glare, Tender love from them both Exchange oaths Of faithfulness and care.
A minha vida era vazia: E um dia Um lírio desabrochou: Que saudade daquele instante, Delirante, Quando no meu peito penetrou.	My life was empty: And one day A lily bloomed: That moment I'm missing, Overwhelming, When in my chest it penetrated.
O lírio foi o amor Que esplendor... É amar! E ser correspondida Quando o homem é competente A mulher sente Que já está realizada na sua vida.	Love was the lily What a glory... It is to love! And to be requited When the man is competent Her feeling resultant Is the woman's life yet fulfilled
Mas este lírio nasceu E faleceu Resta a haste ressequida. Lamenta a desventura E murmura! Que rajada... na minha vida.	But this lily had bloomed And then it doomed The dried stem is rife The misfortune it mourns And mutters! What a blast... in my life
A haste que feneceu Sou eu! Já não vivo para o mundo: Um grande amor que passou, Deixou: Em mim desgostos profundos.	The stem in decay It's me, I say! For this world I no longer live; A great love that has passed Has left In me the deepest grief.

Quando se ama não se esquece E padece: Se vem a separação. O homem pode estar ausente Mas estará sempre presente No fundo do coração.	When you love you remember And suffer; If the pair is set apart The man may be absent But he will always be present Deep in the heart
A vida só tem valor Com um amor Que saiba nos corresponder. Quanto um homem tem qualidades Quantas felicidades Com ele é tão sublime viver!	Life is only valued With a beloved Who knows how to respond to us When a man qualities enjoy What a joy Living with him is so glorious!
Sem o homem a vida é tristonha, Enfadonha. Como a campa silente e fria. Sou como a haste pendida E ressequida... Sem amor... sem alegria.	Without a man life is wistful, So dull As a grave in silence and coldness I am the stem, hanging And drying... No love... no happiness.

Fonte: elaborado pelas autoras (2022),
com base em Jesus (1996, p. 122-124).

O poema “O lírio” aborda uma temática bastante recorrente nos poemas de Carolina Maria de Jesus: a descoberta e a euforia do amor, seguida do abandono e da desilusão. Quando trata desse tema, a autora traz uma carga ainda maior de personalidade e de emoção para a escrita, ainda que mantenha a rigidez do formato em sextilha, com versos livres e rima emparelhada AA, seguida de rima oposta BCCB.

A temática aqui abordada desperta uma discussão acerca do conservadorismo – formal e temático – nas obras poéticas de Carolina, que transitam entre o relato-denúncia, o discreto protesto e a admissão da imutabilidade das situações. Assim sendo, no poema anterior, visto de modo superficial, tem-se a valorização extrema da companhia masculina como sendo a única porta para a felicidade da mulher (“A vida só tem valor

/ Com um amor / Que saiba nos corresponder.” e “Sem o homem a vida é tristonha, / Enfadonha.”). Se compararmos o eu lírico com a biografia da escritora, poderíamos inferir que o poema valoriza a cultura machista da época.

Por outro lado, considerando que diversos outros poemas de Carolina são escritos em eu lírico masculino e direcionados a uma musa feminina, como em “Súplica de amor”, cujos versos afirmam: “Tê-la ao meu lado por uns momentos / Ouvir dizer: como eu adoro./ Amenizar esses meus sofrimentos / É ajoelhado que eu vos imploro” (JESUS, 1996, p. 153). Podemos notar que essa não era, decerto, parte da biografia da escritora, ou seja, nem tudo o que o eu lírico externa é, de fato, parte da opinião da autora. Assim, o poema permite mais uma interpretação (talvez mais contemporânea do que deveria): uma leitura descritivista da situação amorosa comum à sua época ao invés de uma leitura prescritivista segundo a qual a autora defendia essa realidade como inexorável.

Considerações finais

A tradução comentada permite ao leitor a observação e o acompanhamento do processo tradutório de forma a perceber nuances que poderiam passar despercebidas em uma leitura não dirigida. Por exemplo, pode-se observar que Carolina Maria de Jesus empregava um registro menos coloquial e mais pensado nos poemas do que nos conhecidos diários: além disso, ela se inspirava em uma forma mais conservadora de escrita poética.

As temáticas desenvolvidas representaram, por si só, um desafio tradutório, pois as saudades da infância, o amor não correspondido e a valorização da companhia masculina como caminho para a felicidade suscitam matizes de vocabulário que não só são de transposição complexa para outra língua e outra cultura, como também requerem um esforço extra

do leitor e do tradutor para se situarem no contexto temporal de produção dos poemas das décadas de 1940 a 1960.

Concluímos, com a análise, que seus poemas são dignos de conquistar um maior alcance, a fim de minimizar a injustiça histórica cometida contra sua autora, por serem-lhe negados os direitos de publicar e de tornar-se, para o público, a poeta que já se mostrava se em seus cadernos particulares.

Referências

BAHIA, Luísa Arantes. *Exportando literatura brasileira: Quarto de Despejo e Casa de Alvenaria* em língua inglesa. 117f. Dissertação de mestrado (Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2022.

BRITTO, Paulo Henriques. *A tradução literária*. Coleção Contemporânea. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CAVALCANTE, Fernanda de Moura. A Literariedade da Obra de Carolina de Jesus: um reconhecimento necessário. *Portal Geledés*, [s.l.], 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/literariedade-da-obra-de-carolina-de-jesus-um-reconhecimentonecessario/>. Acesso em 09 nov. 2022.

FALEIROS, Álvaro. *Traduzir o poema*. Coleção estudos literários. Cotia: Ateliê Editorial, 2012.

FARIAS, Tom. *Carolina uma biografia*. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

KEENE, John. Translating Poetry, Translating Blackness. *Poetry Foundation*, [s.l.], 2016. Disponível em: https://www.poetryfoundation.org/harriet-books/2016/04/translating-poetry-translating-blackness#_edn1. Acesso em: 9 nov. 2022.

LAJOLO, Marisa. Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina. In: JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. José Carlos Sebe Bom Meihy (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996, p. 37-61.

LEVINE, Robert. M. The Cautionary Tale of Carolina Maria de Jesus. *Latin American Research Review*, Miami, v. 29, n. 1, p. 55-83, 1994.

JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. José Carlos Sebe Bom Meihy (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 37-61.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. O inventário de uma certa poetisa. In: JESUS, Carolina Maria de. *Antologia pessoal*. José Carlos Sebe Bom Meihy (org.). Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 7-36

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; LEVINE, Robert M. *Cinderela Negra: a saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1994.

MILTON, John. Literary Translation Theory in Brazil. *Meta*, 41(2), [s.l.], 1996, p.196–207. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/meta/1900-v1-n1-meta179/003652ar/>. Acesso em 29 mai. 2022.

REISS, Katharina; VERMEER, Hans J. *Towards a General Theory of Translational Action: Skopos Theory Explained*. Translated by Christiane Nord. London: Routledge, 2014.

Carolina Maria de Jesus: three poems translated into English

Abstract: This article presents the commented version of three poems by Carolina Maria de Jesus into English. After a brief biography of the author, the collection Antologia pessoal (1996) is presented, a set of poems selected by the writer herself, who had a dream of becoming a poet. Subsequently, we present a discussion about the translation of poetry according to Britto (2012) and Faleiros (2012). In addition, the translation project and process are outlined, highlighting the points of difficulty and attention during the version of the poems. The versions are presented in parallel with the source text, the first being “Saudades de Mãe” (Longing for mom); the second, “O exilado” (The exiled); and the third, “O lírio” (The lily). The poems present intertextuality with Brazilian romantic poets and themes that vary from nationalism to unrequited love. Carolina Maria de Jesus used a less colloquial register in her poetry than in the well-known diaries, in addition to being inspired by a more conservative form of poetic writing. Her poems are worthy of gaining greater reach to minimize the historical injustice that was done to the author by being denied publication rights and becoming, for the public, the poet she already showed to be in her private diaries.

Keywords: Carolina Maria de Jesus. Poetry translation. English language version.

Recebido em: 31/05/2022

Aceito em: 07/12/2022